



ISSN 3085-9026



Revista

VOZ da Palavra

Julho - 2025 - Fortaleza- CE

Vol. 1 - Nº 5, 2025

PORQUE POESIA NÃO SE LÊ, SE VIVE

Poesia - Conto
Caça-Palavras
Curiosidades
Aldravia - Haicai

EDITORES

Gilson Pónthes & Pedro Blum

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 1

Julho de 2025 / Fortaleza/ CE

Copyright © Revista Voz da Palavra

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Editores:

Gilson de Albuquerque Pontes

e

Pedro Blum de Moura

EXPEDIENTE

Diretor: Gilson de Albuquerque Pontes

e Vice-Diretor: Pedro Blum de Moura

Revista: Voz da Palavra

Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes

Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes

e Pedro Blum de Moura

Revisão: Gilson de Albuquerque Pontes

Design e Diagramação: Gilson Pónthes

Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes

Colaboradores desta revista:

Redes Sociais: Site, Instagram,

Facebook, Google e WhatsApp

NOTA

Todos os textos e imagens publicadas

são de responsabilidade

da revista.

A reprodução é permitida somente

com autorização por escrito.

EDITORIAL

Criação da Revista Voz da Palavra

Em um bate-papo literário entre os poetas e escritores **Gilson Pónthes** e **Pedro Blum**, ambos acadêmicos imortais, surgiu inicialmente a ideia de uma **revista infantil**. Porém, inspirados pela habilidade artística e visual do Professor Gilson Pónthes, o projeto evoluiu para a criação de uma **revista literária de alcance internacional**, com o objetivo de **divulgar a cultura cearense** por meio dos bardos intelectuais que desejem compartilhar seus brilhantes trabalhos.

Para garantir o maior aprimoramento didático, os conteúdos passarão por programas de revisão contratados, evitando deslizos linguísticos que não estejam à altura do nível que a revista se propõe a apresentar. O acesso será totalmente gratuito para leitores de todas as partes do mundo onde a revista circula.

E para nossa grata surpresa, a publicação já ultrapassou a marca de **vinte mil visualizações**, demonstrando a expressiva aceitação por parte de um público exigente e ávido por conteúdo de alto nível. Isso valoriza ainda mais o empenho e a dedicação dos seus editores, fortalecendo o compromisso de seguir promovendo a arte e a literatura com excelência e paixão.

Gilson Pónthes & Pedro Blum

Editores

Sumário

- 6 - Recordações - Aldravias
- 7 - Pódio do Poeta
- 8 - O Violinista da Estação
- 9 - Curiosidade e Haicai
- 10 - Caça-palavras
- 11 - A Coroa do Destino - Aldravia
- 12 - O Relógio que Contava Histórias
- 13 - Conselho
- 14 - Amor Verdadeiro
- 15 - De Pé, Pela Fé
- 16 - Conto
- 17 - Curiosidades - A Hora do Sono
- 18 - Curiosidades de Bitupitá
- 19 - Aldravia - O Dia do Escritor -
Comentários de Leitores
- 20 - Revista Voz da Palavra:
Um Legado de Excelência
e Inspiração

RECORDAÇÕES

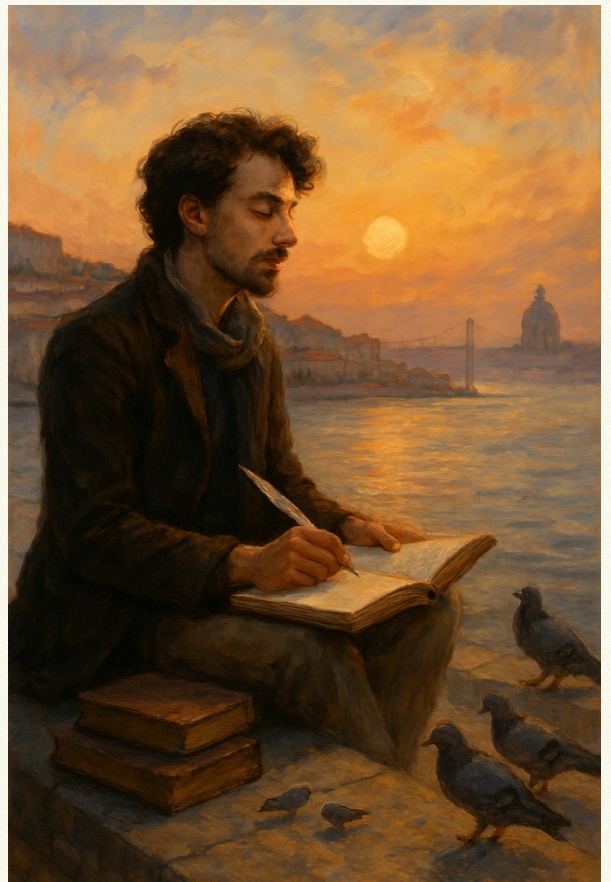
Por Pedro Blum

Certo dia eu estudava,
Parei para pensar,
Me veio na lembrança,
Um Poeta popular.

Bardo Poeta Inglês,
Que morava em Lisboa,
Filho de português,
Levava uma vida à toa.

Conjugava o verbo fazer,
Porque era gente boa,
Para mim e pra você.

Lembrando o que fazia,
Tudo que eu queria,
Era dormir, acordar e comer.



Aldravia

Por Pedro Blum

o	as
amor	cores
sempre	do
falará	arco-íris
mais	jamais
alto	mudarão

Pódio do Poeta

Nas cartas de um poeta haverá uma lista
de desejos e os medalhistas vim anunciar

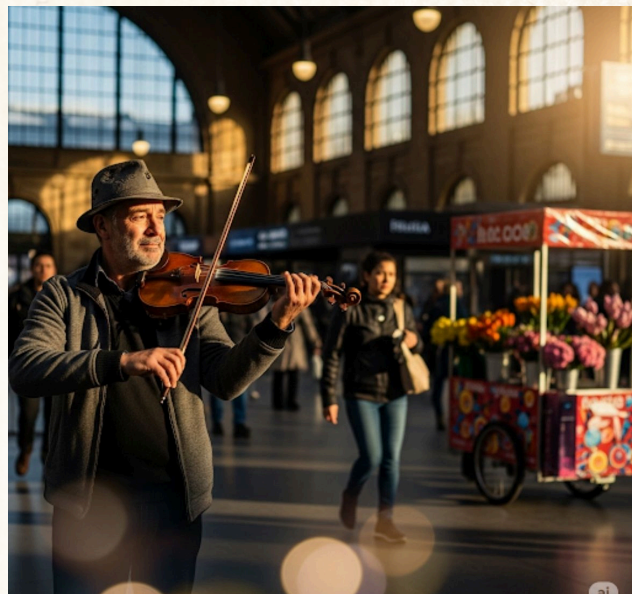
em terceiro lugar
o desejo de ser amado e amar
uma avassaladora vontade
de descobrir a reciprocidade

vou deixar em segundo
a conciliação dos seus mundos
entender seus sentimentos
deixar de escrever só seus lamentos
tentar enxergar algo bom
e ser impedido pela arte
porque usa ela como refúgio
é seu diário sobre o mundo
e tudo que sente é tão profundo
principalmente a dor

o primeiro é sem igual
mas nenhum poeta vai falar
alguns vão escrever, outros guardar
só querem uma anestesia
para deixarem de sentir
o peso de ser o poeta
e nunca a poesia.

- Isa Bacelar





O VIOLINISTA DA ESTACÃO

Conto

Gilson Pónthes

Era sempre no mesmo horário, entre as seis e as sete da noite, que a melodia invadia a Estação Central. Não era um som alto, nem estridente, mas uma cascata de notas que se infiltrava no burburinho apressado dos passageiros. O violinista, um homem de meia-idade com um chapéu puído e olhos que pareciam ter visto mil invernos, tocava com uma paixão que contrastava com a indiferença geral.

Marta, a florista que vendia rosas e jasmims na saída do metrô, era uma das poucas que parava, mesmo que por um instante. Ela dizia que a música do violinista tinha o cheiro da chuva de verão e a cor do pôr do sol sobre os arranha-céus. Um dia, ela decidiu quebrar a rotina. Em vez de seguir para casa após o último cliente, sentou-se num banco próximo, com as flores murchas no cesto ao seu lado, e simplesmente ouviu.

Ele tocava uma peça melancólica, que parecia chorar as despedidas e celebrar os reencontros. Quando terminou, o violinista abriu os olhos e os fixou em Marta. Não houve palavras, apenas um aceno de cabeça. Ela sorriu, um sorriso cansado, mas genuíno. Eram dois estranhos na vastidão da cidade, conectados por um fio invisível de melodia e silêncio.

No dia seguinte, Marta trouxe uma rosa vermelha para ele. Ele a colocou no estojo do violino, e a música daquela noite pareceu, de alguma forma, menos triste, mais serena. Talvez fosse o silêncio de um entendimento mútuo, ou talvez a simples troca de gestos, mas a estação, que antes era só um lugar de passagens, agora parecia ter o eco de um encontro.

CURIOSIDADE BOTÂNICA

Você sabia que o som das mordidas de uma lagarta pode “assustar” uma planta?

😲 Algumas plantas têm sensores tão sensíveis que conseguem perceber vibrações causadas por herbívoros se alimentando delas. Quando isso acontece, a planta ativa mecanismos de defesa — como liberar substâncias químicas que tornam suas folhas amargas ou até sinalizar para outras plantas próximas que há perigo por perto.



Google

Haikai

Cheiro de café
pela manhã silente
acorda memórias

Na penumbra azul
um gato salta a sombra
a noite respira

Chão sob a chuva
a cadeira vazia
espera alguém

Folha no galho
o tempo não tem pressa
o vento espera

Chuva na vidraça
o som do mundo distante
dói sem palavras

Gilson Pónthes

Caça-palavras de animais em extinção no Brasil



LOBO-GUARÁ ARÁRA-AZUL TATU-BOLA
ONÇA-PINTADA PEIXE-BOI TAMANDUÁ
ARARINHA TUCANO-DE-BICO-PRETO
JACARÊ-DE-PAPO-AMARELO MACACO-PRETO

A Coroa do Destino



ALDRAVIA

Gilson Pónthes

poesia	Saudade
vento	permanece
memória	como
silêncio	música
olhar	não
infinito	dita

Além das muralhas, um reino floresce,
Princesa forte, a coragem oferece.
Radiante, não espera por salvação,
A inteligência guia sua ação.

No castelo, a trama se revela,
Com astúcia, a verdade desvela.
Em vez de prantos, soluções encontra,
Sua voz ecoa, a todos confronta.

Armada de saber, enfrenta o vilão,
Nunca subestima o próprio coração.
Ânsia de liberdade, seu maior bem,
Obstáculos superados, um a um.

Poder em suas mãos, destino traçado,
Rompendo correntes, o medo é deixado.
Empoderada, a história refaz,
Compaixão e justiça, seus ideais traz.

Inspiração para todas as donzelas,
Sonhos que florescem, em aquarelas.
Admirável, a princesa que se ergue,
Destemida, a bravura converge.

Olhares curiosos testemunham a cena,
Herança de força, que a alma serena.
Entregue ao seu povo, amor e lealdade,
Radiante, enfrenta qualquer fatalidade.

Ótima líder, exemplo a seguir,
Iluminando o futuro, sem receio de sentir.

Ana Clara

O Relógio que contava Histórias

Conto

GILSON PÓNTHERS



Na pacata cidade de Icó, um antiquário escondido atrás da igreja velha vendia objetos que pareciam ouvir o tempo. Lá, Ernesto encontrou um relógio de mesa com ponteiros dourados e vidro arranhado. O vendedor apenas disse:

“Este não marca as horas. Ele mostra quando você se perdeu delas.”

Ernesto, um homem metódico, levou o relógio para casa. Nos primeiros dias, nada aconteceu. Mas na noite de quarta-feira, ao acordar às 3h05, percebeu que o relógio estava adiantado — mostrava 3h37.

Achou estranho, mas ignorou.

Na quinta, o relógio estava atrasado: 2h51. Na sexta, os ponteiros giraram sozinhos por vinte segundos e pararam às 11h11. Na tela de vidro, Ernesto viu, por um instante, um reflexo que não era o seu — parecia ele, mais velho, olhando com pesar.

No domingo, o relógio não marcava hora alguma. Apenas contava... uma história. Dentro do vidro, letras surgiam, flutuando, revelando trechos da vida que Ernesto nunca teve coragem de viver.

Um amor que não declarou. Uma viagem que nunca fez. Um pedido de desculpas jamais enviado.

O relógio não fazia **tic-tac**. Ele fazia-se — cada segundo era uma possibilidade perdida.

Na segunda-feira, o objeto desapareceu da prateleira. E Ernesto acordou com uma carta ao lado da cama, com sua assinatura... mas escrita por alguém que parecia saber muito mais sobre ele.

CONSELHO

Autora: Mazé Moura

Fortaleza-CE, 06/10/2024



Exigir amor e carinho
De quem não pode dar
É como plantar em rocha
Sem água para regar.

Sentir falta de afeição
Palavras pra incentivar
De um amor mais intenso
Crie algo para inspirar.

O amor é espontâneo
Não devendo ser cobrado
Não é uma mercadoria
Em quitanda encontrado.

É guardado no coração
Para quem queremos dar
Se procurar com cuidado
Irá um dia encontrar.

Se achar cultive e guarde
Este é um bem valioso
Um amor sublime assim
Só Deus dar este tesouro.

Falo e escrevo o que sinto
Com o meu jeito de amar
Sou carinhosa e dengosa
E não pretendo mudar.



AMOR VERDADEIRO
Leon de Moura
Fortaleza-CE, 21/09/1998



Você precisa saber
O quanto lhe quero bem
O nosso amor é infinito
Só a nós ele convém.

Você é minha alegria
Você é meu grande amor
A nossa vida em comum
Tem o perfume da flor.

Quero sempre estar contigo
E sentir o seu calor
Abraçar-lhe em suspiro
Com sentimento e ardor.

Sem você não sei viver
A vida é sem expressão
Você enche a minha alma
E abrande meu coração.

Nosso amor é verdadeiro
Nele não há deslizes
Estar contigo ao meu lado
É sermos sempre felizes...

De Pé, Pela Fé

Por Bernivaldo Carneiro

Mas, ao pisarmos o interior do templo religioso, os meus olhos se encheram de brilho ao verem, na primeira fileira, um amigo daqueles que, se fosse onipresente, não perderia uma missa sequer. Já postado perto dele, elegi-o como o meu guia litúrgico e, seguro de mim, firmei tacitamente com os meus botões este acordo: “Vou imitar seus gestos com fervor e precisão coreografados”.

Sinal da cruz, mãos ao alto, senta, levanta, ajoelha... bastava eu copiar aquele GPS da fé que não tinha erro.

Mas, eis que lá pelo meio da celebração, o padre anuncia:

— Podem sentar.

Todos obedeceram, menos ele — e eu, claro!

Foi aí que Minha Mulher, demonstrando impaciência, cochichou em meu ouvido:

— Senta, homem!

— Calma, que ainda não é hora.

— O padre mandou! Só vocês dois estão de pé.

— Você acha mesmo que esse padre entende mais de ritual de missa que ele — que assiste a quatro por dia?

Sem argumentos, ela me fulminou com os olhos e eu permaneci de pé, firme como um apóstolo teimoso.

E assim, entre a fé e a dúvida, entre o sagrado e o cômico, escolhi meu santo de devoção — mesmo sem ele jamais saber disso.

No fim, talvez a religião seja isso: escolher a quem seguir. E o casamento... aprender quando ceder. Ou sentar. Mesmo que seja só para não dormir em pé.



O evento prometia e cumpriu. As “Bodas de Ouro” do casal de amigo — que começou com a reafirmação de votos celebrada com missa na cripta da catedral — foram uma linda festa. Tudo perfeito, exceto por um detalhe: Minha Mulher (migrante do cristianismo apostólico romano para o protestantismo), já não se via à vontade nos ritos católicos. E eu, que só assistira à missa na época em que ela me puxava para a igreja, sentia-me meio peixe fora d’água, do aquário e do altar.

Edelvira — A Cidade dos Adormecidos

Conto insólito



Toda vez que Caio sonhava com escadas, ele sabia que Edelvira estava perto.

Era uma cidade escondida entre colinas inexistentes, com ruas feitas de calçadas que lembravam salas de estar, prédios que pareciam bibliotecas que respiravam, e um rio cuja corrente seguia o tempo — não a água.

Ninguém sabia exatamente onde ficava. Alguns diziam que só aparecia quando o sono era profundo demais. Outros afirmavam que Edelvira era construída pelos sonhadores — e que cada edifício surgia de uma lembrança mal resolvida.

Caio a visitava desde os cinco anos, mas só aos 28 descobriu que não estava sozinho.

Num sonho nublado, encontrou uma mulher que sabia seu nome antes que ele dissesse qualquer coisa.

> “Você está quase pronto para lembrar por que veio aqui pela primeira vez,” ela disse, virando-se para uma torre de relógios desconectados.

Ele seguiu, e cada andar da torre revelava uma cena da vida que ele sempre esqueceu ao acordar:

- Uma biblioteca com livros escritos em sua caligrafia, mas em línguas que ele nunca aprendeu.
- Um restaurante onde todos os pratos eram momentos que ele não viveu.
- E uma estação de trem que partia para... nenhum lugar específico. Só para longe.

No último andar, Caio encontrou seu reflexo — mas com um sorriso que não era dele.

> “Você pode acordar agora,” disse o reflexo. “Ou pode ficar e terminar o que começou aos cinco anos. A escolha é sua.”

Caio acordou.

Mas Edelvira agora aparecia em seus sonhos todas as noites — e cada vez mais pessoas o chamavam pelo nome, como se ele fosse de lá.

Gilson Pónthes

Curiosidades



A Hora do Sono

A noite deito-me para dormir...
Ouvindo de longe os barulhos:
Carros passando na estrada...
Buzinas, pneus no asfalto, música automotiva...
Pessoas andando na rua...
Conversas, brigas e embriaguez extrovertida.

Próximo, aqui dentro de casa...
Minha mãe cantando...
Meu irmão rindo...
Minha irmã fofocando...
E todos que amo alvoroçando.

Durmo tranquilamente com conforto.
No meio da madrugada acordo...
Com o silêncio me despertando.
O estrondoso e ensurdecido silêncio...
Que me incomoda mais do que todos os sons.
Ele sim não me deixa dormir a noite...
A quietude, o vazio, a escuridão e a solidão.

O vácuo ecoante...
Onde qualquer ruído se torna
um trovão.
A penumbra tímida...
Onde qualquer fresta se torna um sol.
E o exílio suplantador...
Onde sou assombrado pelas mágoas
e pesares.
Ansiando pela vida e pela inspiração...
Enquanto escrevo poemas triste.

Creia que durmo melhor...
Com a segurança da movimentação...
Do que com a vastidão do sossego.
E escrevo poemas alegres...
Quando há animação.

Vitor Gleison

Curiosidades de Bitupitá, praia onde nasci



**Texto e desenho:
Manoel Osdemi**

Quem conhece Bitupitá lembra dessas fileiras de casas, modelo de dentadura, parede e meia, construção corriqueira de interior. Nessa casa de alpendre, dizem os mais antigos, que o proprietário assistia à missa sentado nos bancos de madeira, ao lado de seus vaqueiros de curral de peixe, todos nos trinquês, exigência da ocasião. Essa igreja é a única no mundo que tem a frente para o lado contrário da rua principal, entrada da vila. Corre a boca miúda que foi uma solicitação do morador dessa casa de alpendre, na época, vice-prefeito. O desejo dele era assistir a missa sem sair de casa. Essa rua recebeu seu nome.

ALDRAVIA

A Giselda Medeiros

Vicente Alencar

no
nossa
princesa
parabéns
dos
seus
amigos

O DIA DO ESCRITOR

Hoje, é o dia do Escritor,
Precisamos comemorar,
Escrever é bom demais,
Não deixa ninguém para trás,
Aprender e poder ensinar,
Tanta gente importante,
Bonitas e muito elegantes,
Nas Academias a congregar,
Literatas em abundância,
Desde o tempo de criança,
Aprenderam a rabiscar,
Seguindo indo avante,
Da escrita sendo Amante,
Escrevendo, sem a ninguém imitar,
Isso é sabedoria,
Escrever durante noite e dia,
Aprendendo ao mundo amar.

Pedro Blum

Comentários de Leitores

> “O conto da última edição me fez chorar no ônibus. É sobre isso: tocar o outro sem pedir licença.”

> — Marcelo Lima, Fortaleza

> “A poesia ‘Entre Sol e Lua’ me fez lembrar da minha avó, que dizia que o céu é uma conversa entre dois corações.”

> — Lúcia Andrade, Recife

> * “Nunca pensei que um texto sobre uma princesa pudesse me fazer sentir tão forte. Obrigada por me lembrar de que a coragem também é minha.”*

> — *Renata Souza, Belo Horizonte*

> * “A revista é como um abraço feito de palavras. Leio cada edição como quem encontra um bilhete esquecido no bolso.”*

> — *Carlos Mendes, São Paulo*

Revista Voz da Palavra: Um Legado de Excelência e Inspiração

Por: Gilson Pónthes & Pedro Blum

Com um olhar direto para o sucesso inquestionável da Revista Voz da Palavra, os editores Gilson Pónthes e Pedro Blum dedicam-se a aprimorar o conteúdo que encanta sua vasta audiência global. Preocupados em manter o alto nível intelectual que molda, de forma erudita e brilhante, cada edição, a revista agora abre suas páginas exclusivamente para obras literárias de Acadêmicos Imortais das mais diversas academias.

Essa decisão estratégica não apenas eleva ainda mais a qualidade do material publicado, mas também reforça o compromisso da revista com a promoção da cultura e da literatura de alto calibre. Ultrapassando a marca impressionante de 20.000 visualizações, a *Revista Voz da Palavra* se estabelece como um farol para o conhecimento e a criatividade.

Com essa ampla e bem-sucedida divulgação, a Revista Voz da Palavra almeja algo ainda maior: despertar nos jovens o interesse pela vida literária. Ao apresentar o trabalho de grandes mestres, a revista espera inspirar e motivar novas gerações a ingressarem e frequentarem academias literárias. O objetivo é que, através desse aprendizado e dedicação, surjam futuros poetas e escritores que serão motivo de orgulho para todos que zelam e difundem a rica cultura do Nordeste brasileiro.

